

OCORRÊNCIA DE PARASITOS EM CHUPETAS DE CRIANÇAS EM UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE VIDEIRA, SC

Vanessa Boeira Barremaker *
Mônica Frighetto**
Bibiana Paula Dambrós***

Resumo

No Brasil, as parasitoses estão entre os principais problemas de saúde pública principalmente em crianças. Os problemas envolvendo as parasitoses tomam grande proporção, especialmente em razão das condições socioeconômicas, precárias condições de moradia; má educação sanitária; condições de saneamento básico inapropriados; o que resulta em contaminação fecal da água e do solo tanto por fezes humanas quanto por dejetos animais. A autoinfecção que ocorre por meio das mãos contaminadas é outro aspecto que deve ser observado uma vez que representam uma fonte de veiculação e disseminação das infestações. Assim, o presente estudo visou identificar a ocorrência de parasitas em chupetas de crianças em um Centro Municipal de Educação Infantil do município de Videira, SC. A pesquisa foi realizada mediante exame microscópico do sedimento obtido da lavagem das chupetas. Como fonte alternativa da pesquisa, foram distribuídos questionários de múltipla escolha para os responsáveis pelas crianças. Nos resultados obtidos por intermédio dos questionários, constatou-se que 50% dos pais lavam a chupeta antes de oferecer a criança, apenas 10% fazem a correta higienização e para uma minoria dos entrevistados, as parasitoses podem ser adquiridas por meio das chupetas. Na análise microscópica resultante da lavagem das chupetas foram encontrados os seguintes parasitos: *Entamoeba coli*, *Endolimax nana*, *Toxocara canis* e *Trichuris vulpis*. Também foi detectada a presença de leveduras. O encontro de estruturas parasitárias nas amostras analisadas confirma a importância dos objetos na transmissão das parasitoses intestinais. Portanto, ainda são necessárias campanhas educacionais que divulguem medidas profiláticas para doenças parasitárias.

Palavras chave: Parasitos. Crianças. Chupetas.

1 INTRODUÇÃO

Em países em desenvolvimento, as parasitoses estão entre os principais problemas de saúde pública (MATTOS, et al., 2001). Estas doenças podem atingir índices de até 90%, apresentando aumento relevante à medida que piora o nível socioeconômico. Problemas que envol-

* Acadêmica do Curso de Farmácia na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Videira; Rua Paese, 198, Bairro Universitário, CEP 89560-000, Videira, SC, Brasil; vanessa_boeira@yahoo.com.br

** Professora Mestre; Orientadora coordenadora do Curso de Farmácia na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Videira; Rua Paese, 198, Bairro Universitário, CEP 89560-000, Videira, SC, Brasil; monica.frighetto@unoesc.edu.br

*** Professora Mestre do Curso de Farmácia na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Videira; Rua Paese, 198, Bairro Universitário, CEP 89560-000, Videira, SC, Brasil; bibianapaula@gmail.com

vem enteroparasitoses tomam grande intensidade, basicamente em consequência das condições socioeconômicas, educação sanitária, falta de saneamento básico e hábitos culturais (LUDWIG, et. al., 1999). Os fatores ambientais favorecem o desenvolvimento e a propagação das formas infectantes, enquanto o nível socioeconômico está relacionado à contaminação do ambiente (PEDROSO; SIQUEIRA 1999).

Cerca de um terço da população das cidades dos países em desenvolvimento ainda vivem em condições favoráveis à disseminação das infecções parasitárias (PRADO et. al., 2001). A predisposição racial ou genética não são fatores que determinam a prevalência de parasitas intestinais, já as diferenças na educação, na cultura e nos hábitos alimentares podem aumentar as chances de se adquirir uma infecção (DE CARLI et. al., 2012).

O ser humano pode ser infectado por mais de cem tipos de parasitas. Apesar de apresentarem baixas taxas de mortalidade, as parasitoses intestinais podem ocasionar fatores de risco na fisiopatologia da anemia, desnutrição protéica calórica que debilitam, além de incapacitar o indivíduo no desempenho de suas atividades, sejam elas físicas ou intelectuais, particularmente na população mais jovem (FERREIRA et al., 2006).

A infecção por parasitas ocorre, na maioria das vezes, por disseminação das estruturas parasitárias mediante poeira, chuva, insetos e aves. Enquanto encontrar condições favoráveis de temperatura e umidade, alguns ovos de helmintos podem ser viáveis por meses ou anos (CIMERMAN; CIMERMAN 2008).

Os protozoários e helmintos eliminam seus ovos, larvas ou cistos junto com as fezes, contaminando solo e ambientes. Além disso, mãos sujas levadas diretamente a boca, tanto em crianças quanto em adultos, também podem ser uma maneira de contaminação (PEDROSO; SIQUEIRA 1999).

A infecção humana é mais comum em crianças por meio da via oral fecal, sendo água e alimentos contaminados os veículos de transmissão. Os agentes patológicos apresentam algumas fases de evolução, podendo ter hábitos de vida livre ou parasitária tanto em humanos quanto em animais (TOSCANI, et al., 2007).

As parasitoses intestinais em crianças estão aumentando muito nos últimos anos, principalmente nos países industrializados, revelando-se como um grave problema de saúde pública mundial. Nas crianças em idade escolar, as enteroparasitoses comprometem o crescimento físico, desenvolvimento intelectual ou mental, levando a uma perda de resistência, anemia, desnutrição e até a morte (QUADROS et al., 2004).

Os centros de educação infantil passaram a ser o principal local em que a criança frequenta, em virtude do aumento da participação feminina no mercado de trabalho e o acelerado crescimento populacional, tornando-se um potente local de infecção. Os protozoários intestinais têm distribuição cosmopolita e são importantes agentes patogênicos, principalmente entre crianças que frequentam esses centros (ALVES; FERREIRA; ROCHA 2010).

As crianças no período escolar constituem a faixa etária com as maiores taxas de prevalência de enteroparasitoses. Sabe-se que as crianças estão mais expostas à contaminação do solo e da água, em decorrência do processo de desenvolvimento de seus hábitos de higiene pessoal

(CHAVES et al., 2010). Como a dispersão de formas parasitárias se faz por intermédio do ambiente, solo, alimentos e mãos contaminadas com fezes, é imprescindível um maior cuidado com as chupetas que muitas crianças utilizam. É necessário que o manipulador deste objeto mantenha uma boa higienização de suas mãos. Além disso, as chupetas devem ser mantidas em bom estado de conservação, serem guardadas em local apropriado e não serem deixadas em contato com animais domésticos (DORNELLES et al., 2006).

Os estudos existentes na literatura sobre contaminação de chupetas são escassos, havendo relatos de realização de culturas para coliformes fecais a partir de chupetas em uso, encontrando contaminação em 49% delas, o que confirma a possibilidade de transmissão de outras doenças por meio de chupetas, além das parasitoses intestinais (TOMASI et al., 1994). Este fato demonstra a necessidade de alertar os pais ou responsáveis para uma maior atenção às condições higiênicas das chupetas, cujo uso é um hábito bastante difundido no Brasil, uma vez que a chupeta é dada ao recém-nascido na tentativa de acalmar o choro e suas inquietações (TOMASI et al., 1994).

Medidas de controle das parasitoses incluem a informação e a educação. Na educação para a saúde devem ser enfatizadas as noções de higiene do manipulador das chupetas, lavagem de mãos antes de manusear e a lavagem adequada destas chupetas (PEDROSO; SIQUEIRA 1999).

As parasitoses, muitas vezes, são subestimadas pelos profissionais de saúde. A qualidade em desenvolvimento e de um modo geral, as informações sobre a prevalência de helmintos intestinais no Brasil são escassas ou mesmo nulas para determinadas regiões (CARVALHO et al., 2002). Infelizmente, apesar das ações de tratamento e prevenção, as medidas de controle não estão sendo efetivas, em virtude da baixa cobertura dos programas específicos (educação sanitária e implantação de saneamento básico). Portanto, é papel da escola orientar os alunos e os pais com o intuito de reduzir o desenvolvimento e o aumento da incidência de parasitoses intestinais (CARDOSO et al., 2010).

Considerando a importância do problema de parasitoses intestinais no Brasil e de seus mecanismos de transmissão, esse estudo teve como principal objetivo a pesquisa de parasitos em chupetas de crianças de 0 a 5 anos de idade, com a identificação de comportamentos e atitudes da população em relação às parasitoses intestinais e aos cuidados com as chupetas.

2 MÉTODO

Esta pesquisa exploratória se caracteriza por ser de natureza aplicada, qualitativa investigatória (questionários), bibliográfica e de levantamento de dados mediante a coleta de chupetas de crianças de 0 a 5 anos de idade de um centro municipal de educação infantil do município de Videira, Santa Catarina.

Este trabalho foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Oeste de Santa Catarina. Após análise, foi aprovado sob o CAAE 02459212.5.0000.5367 em 03 de julho de 2012.

Os integrantes do inquérito parasitológico foram selecionados aleatoriamente a partir da divulgação da pesquisa por meio de reuniões e abordagem dos pais das crianças na escola.

Após reunião explicativa sobre as principais parasitoses e a metodologia da pesquisa, foram distribuídos questionários aos responsáveis pelas crianças que se dispuseram a responder, na tentativa de identificar as atitudes, o comportamento da população sobre hábitos de higiene, os cuidados com as chupetas e também o conhecimento sobre os mecanismos de transmissão das parasitoses intestinais.

A coleta das chupetas foi realizada mediante assinatura do termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendação do Comitê de Ética em Pesquisa. Os pais ou responsáveis pelas crianças, ao doar a chupeta usada, receberam uma nova para que não tivessem prejuízo financeiro. As amostras foram numeradas e acondicionadas em sacos plásticos individuais de primeiro uso, devidamente etiquetados e identificados, com a data da coleta e número da amostra e posteriormente conduzidos ao laboratório de Análises Clínicas da Unoesc Videira.

No laboratório, foram adicionados 50 ml de água destilada ao saco plástico. Posteriormente, procedeu-se a agitação manual por 30 segundos. Em seguida, foi realizada a escovação cuidadosa das chupetas, com auxílio de uma escova de náilon. Após a escovação, o líquido resultante foi recolhido com o auxílio de um funil de vidro para um cálice de vidro graduado com o líquido da primeira lavagem.

O líquido foi deixado em sedimentação por 24 horas. Esta metodologia foi realizada de acordo com o método de Hoffman modificado. Por intermédio de pipetas Pasteur, foi coletado material do sedimento. Uma gota do sedimento e o corante lugol foram colocados entre lâmina e lamínula para posterior análise em microscopia óptica em aumentos de 100 e 400 x. As análises foram realizadas em triplicata.

Para a interpretação dos dados, utilizou-se análise de conteúdo. Os resultados obtidos foram interpretados e classificados mediante tabelas e gráficos com exposição dos dados coletados, contendo identificação (idade, casos negativos e positivos, tipo de ovo, cisto ou parasito encontrado e poliparasitismo).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização deste estudo envolvendo chupetas de crianças entre 0 a 5 anos de idade, em um centro educacional infantil, de um total de 30 crianças, cujos pais concordaram em participar da pesquisa no momento da reunião explicativa, apenas 10 questionários foram entregues e 14 chupetas submetidas à análise. Quatro responsáveis participaram apenas da entrega da chupeta para a análise e se recusaram a responder ao questionário.

A baixa adesão ao estudo, segundo alguns pais, ocorreu por diversos motivos. Destaca-se o receio de expor o filho a uma pesquisa que qualifica o cuidado com a chupeta, mesmo sendo assegurado o sigilo de seu depoimento e da identidade.

Das chupetas analisadas neste estudo, 57,1% pertenciam a indivíduos do sexo masculino e 42,8 %, do feminino. A faixa etária das crianças variou de 4 meses a 5 anos, sendo predominante a faixa etária de 4 meses a 2 anos. Esta idade é mencionada como idade de maior incidência de uso da chupeta, uma vez que, é nesta idade que a criança ainda não tem a comunicação bem definida. Dessa forma, a chupeta é utilizada como fonte para acalmar possíveis inquietações

(TOMASI et al., 1994), sendo oferecida a criança com a função de substituir o mamilo do seio da mãe (SILVA et al., 2009), daí a importância de alertar os responsáveis às condições higiênicas das chupetas, cujo uso é um hábito bastante difundido no Brasil.

Durante os primeiros anos de vida as crianças são mais suscetíveis a microrganismos oportunistas, em razão de o seu sistema imunológico ser imaturo. Além disso, as chupetas podem favorecer a colonização porque elas ficam em contato direto com o meio ambiente (SILVA et al., 2009).

No Quadro 1 estão as principais atitudes dos pais em relação aos cuidados com as chupetas.

Quadro 1 – Principais atitudes (expressas mediante respostas) dos responsáveis pelas crianças do Centro Municipal de Educação Infantil

A chupeta é lavada antes de ser dada a criança?	Como a chupeta é lavada?	Porque é importante lavar a chupeta?
Sim 50%	Com água da torneira 70%	Para não pegar doença 60%
Não 30%		Para não pegar vermes 20%
Às vezes 20%	Fervida por mais de 5 min. 30%	Fonte de micróbios 20%
Você tem o hábito de ferver a chupeta?	Onde a chupeta é guardada?	Como a criança pega verme?
Sim 10%	Usa direto 40%	Por causa das mãos sujas 80%
Não 60%	Armário 10%	Da terra 10%
Às vezes 30%		Pelo bico dos colegas 10%

Fonte: os autores.

Quando os pais ou responsáveis foram indagados sobre a lavagem da chupeta antes de ser oferecida a criança, 50% responderam que fazem a lavagem da chupeta, 30% relataram não fazer e 20% às vezes.

Também foi questionada qual a forma de lavagem das chupetas. Contatou-se que 70% lavam com água da torneira e 30% fervem por mais de cinco minutos.

Quanto ao hábito de ferver a chupeta, 60% não possuem o hábito de ferver a chupeta, 30% às vezes a fervem e somente 10% tem o hábito de ferver a chupeta. Este dado é preocupante, pois se sabe que a fervura das chupetas em água elimina bactérias, vírus e parasitos (TAKACHI; MÓDENA et al., 2008).

Sobre a importância da lavagem da chupeta, a maioria dos entrevistados sabe para que serve a lavagem e sua importância, sendo que 60% relataram que a lavagem serve para não pegar doenças, 20% para não pegar vermes e 20% prevenir contra micróbios.

Em relação à lavagem das chupetas, percebe-se que metade dos entrevistados não lavam a chupeta e os que lavam, utilizam água de torneira, medida inadequada para uma perfeita higienização desses objetos. Estes dados estão de acordo com os encontrados em estudos similares (PEDROSO; SIQUEIRA 1999).

O armazenamento da chupeta também é uma maneira de prevenir doenças. Dos entrevistados, 40% não guardam e relatam que o uso é direto, 30% guardam em outros lugares, sendo relatada a geladeira, 20% guardam na gaveta e 10% no armário. Estes dados demonstram que o uso das chupetas pela maioria dos entrevistados ocorre durante todo o dia, impossibilitando o armazenamento destes objetos em locais livres de contaminantes.

A infecção por parasitos ocorre de diversas formas, para os entrevistados 80% relataram que a parasitose pode ser adquirida por meio das mãos sujas, 10% da terra e 10% das chupetas, demonstrando o vago conhecimento sobre a possibilidade de transmissão de doenças parasitárias por intermédio das chupetas.

Percebeu-se também uma discrepância de respostas quando os entrevistados foram questionados se as chupetas são vetores de doenças. A esta pergunta, todos responderam que sim, indicando as doenças relacionadas com a mucosa oral, seguido da infecção por parasitos (Quadro 2). A opção pneumonia não foi selecionada por nenhum dos pais entrevistados.

Quadro 2 – Doenças transmitidas pelo uso da chupeta por mais de uma criança

Doenças transmitidas pelo uso comum das chupetas	Número de Sim	% dos pacientes
Vermes	8	80
Sapinho	10	100
Afta	5	50
Gripe	5	50
Infecção na garganta	4	40
Cárie	5	50
Resfriado	2	20

Fonte: os autores.

O uso de chupetas por crianças forma um efetivo meio de transporte para muitos microrganismos patogênicos, existentes na cavidade oral, e que causam, além das parasitoses intestinais, várias outras doenças como otite média, diarreia, lesões de cárie, candidose, entre outras (SILVA et al., 2009).

Quanto ao estudo microscópico, após o procedimento de lavagem das amostras e exame do sedimento, foram encontradas diversas estruturas parasitárias (Tabela 1).

Tabela 1 – Estruturas parasitárias encontradas em chupetas de Centro Educacional Infantil do Município de Videira, SC, onde (+) significa presença e (-) ausência

Parasitos	Chupetas analisadas													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
<i>Endolimax nana</i>	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-
<i>Entamoeba coli</i>	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Toxocara canis</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-
<i>Trichuris vulpis</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-
Leveduras	-	+	-	-	+	+	+	-	-	-	+	+	+	-

Fonte: os autores.

Os resultados evidenciaram a presença de parasitas comensais. Foram encontrados cistos de *Endolimax nana* em 21,4% das amostras e cistos de *Entamoeba coli* em 14%. A *Entamoeba coli* e a *Endolimax nana* são protozoários comensais no intestino humano, não patogênicos. São encontrados em praticamente todos os países do mundo, mais frequentemente em regiões tropicais e subtropicais onde a população apresenta baixo nível socioeconômico e higiênico-sanitário. Estudo realizado por Cardoso et al. (2010), mostra a presença de *Entamoeba coli* (28,9%) e *Endolimax nana* (18,4%), esses resultados podem ser sugestivo às condições de higiene inadequada, visto que servem de indicador de condições socioeconômicas de uma determinada região.

Também se verificou a presença de *Toxocara canis* em 7,14% das amostras. Este dado é preocupante, pois este helminto é um nematódeo, cujo hospedeiro definitivo é o cão, evidenciando o contato das chupetas com animais domésticos. Alguns autores afirmam que o *Toxocara canis* é considerado o agente da doença toxocaríase no ser humano, e a infecção ocorre pela ingestão acidental de ovos larvados (SANTARÉM et al., 2010).

O *Trichuris vulpis* também foi identificado em 7,14% das amostras. Este helminto é encontrado no ceco e no colo de cães, indicando novamente a presença de cães domésticos em ambientes onde se encontram as chupetas das crianças. No Brasil não existem muitos estudos recentes sobre esta verminose, a mais recente investigou a prevalência destes helmintos em 51 cães de um hospital de clínicas veterinárias do Rio Grande do Sul, concluiu-se que do total de cães analisados, 47% estavam infectados por *Trichuris vulpis* (FISCHER, 2003).

Também observou-se que em 50% das amostras haviam leveduras. Alguns autores realizaram estudos no qual coletaram, por meio de swab estéril, microrganismos da mucosa oral de 36 crianças. O estudo mostrou uma prevalência de levedura em 58,3%, 21 amostras estavam contaminadas por leveduras e este fato foi associado ao uso de chupetas que influenciaram a colonização e proliferação na cavidade bucal de microrganismos, pois 17 delas faziam uso de chupetas (MATTOS et al., 2001).

4 CONCLUSÃO

A partir dos dados encontrados neste estudo, sugere-se que há um grau de desinteresse por parte dos pais em expor o filho a uma pesquisa que qualifica o cuidado com a chupeta. Isso

pode ser comprovado pelo baixo número de pais ou responsáveis que responderam os questionários e de poucas chupetas entregues para serem feitas as análises.

A necessidade do conhecimento da população sobre a aquisição das doenças parasitárias, seus mecanismos de transmissão e suas consequências diminuiria em muito os gastos com a saúde, além de contribuir para o bom desenvolvimento e o crescimento das crianças.

Os resultados microscópicos sugerem que há um descuido na higiene das chupetas, além de indicar a presença destes objetos em locais frequentados por animais de estimação. Portanto, é imprescindível a divulgação de medidas profiláticas para que as doenças parasitárias sejam evitadas, por meio de campanhas educacionais. Dessa forma, haverá uma conscientização familiar para que ocorra uma redução no número de pessoas acometidas por parasitoses.

Occurrence of parasite in baby's pacifiers in an infant Educational Centre in Videira, SC

Abstract

In Brazil, the parasites are major public health problems especially in children. The problems involving parasites take large proportion, especially due to socioeconomic conditions, poor living conditions, poor health education, sanitation and inappropriate, resulting in fecal contamination of water and soil both by human feces as manure. The autoinfection that occurs through contaminated hands, is another aspect that should be taken into consideration since they represent a source of transmission and spread of infestations. Thus, the present study aimed to identify the occurrence of parasites in children pacifiers in a Center City Early Childhood Education of the city of Videira/ SC. The survey was conducted by microscopic examination of sediment obtained from washing of pacifiers. As an alternative source of research, questionnaires were distributed multiple choice for caregivers. In the results obtained from the questionnaires showed that 50% of parents wash the pacifier before offering the child, only 10% make the correct hygiene and for a minority of respondents, parasites can be acquired through the pacifiers. In the microscopic analysis of the resulting wash pacifiers found the following parasites: Entamoeba coli, Endolimax nana, Toxocara canis and Trichuris vulpis. Was also detected the presence of yeast. The meeting of parasitic structures in the samples confirms the importance of the objects in the transmission of intestinal parasites. Therefore, they are still necessary educational campaigns that publicize prophylactic measures for parasitic diseases. Keywords: Parasites. Children. Dummies.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. C. A.; FERREIRA, S. D. R. M.; ROCHA, S. M. A. Incidência de enteroparasitas em crianças da escola Najla Jamile no município de São José dos Campos SP. **Revista do XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação e IV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica Júnior**. São José dos Campos, p. 1-3, 2010. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/RE_0856_0839_01.pdf>. Acesso em: 21 maio 2012.

- CARDOSO, F. D. P et al. Prevalência de Enteroparasitoses em escolares de 06 a 14 anos no município de Araguaína - Tocantis. **Rev. Eletrônica de Farmácia**, v. 7, n. 1, p. 54-64, fev. 2010 Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/REF/article/view/9595/6651>>. Acesso em: 03 nov. 2012.
- CARVALHO, O. S. et al. Prevalência de helmintos intestinais em três mesorregiões do Estado de Minas Gerais. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, v. 35, n. 6, p. 597-600, nov./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbmt/v35n6/a09.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2012.
- CHAVES, S. E. M. et al. Levantamento de Protozoonoses nas sete creches municipais de Uru-guaiana, Rio Grande do Sul- Brasil. **Rev. Bras. Anal. Clin.**, v. 30, n. 1, p. 39-41, set./out. 2006. Disponível em: <http://www.sbac.org.br/pt/pdfs/rbac/rbac_38_01/rbac3801_10.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2012.
- CIMERMAN, B.; CIMERMAN, S. **Parasitologia humana e seus fundamentos gerais**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2002.
- DE CARLI, G. A. et al. Prevalência das enteroparasitoses nas vilas periféricas da grande Porto Alegre, nos assentamentos de trabalhadores rurais e na cidade de Arroio dos Ratos, no Estado do Rio Grande do Sul. **Rev. Bras. Anal. Clin.**, v. 29, n. 3, p. 185-189, 1997. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=526285&indexSearch=ID>>. Acesso em: 26 set. 2012.
- DORNELLES, E. V. F. et al. Condições Parasitológicas-Sanitárias de Chupetas de Crianças em Comunidades Carentes de Santa Maria-RS. **Rev. NewsLab.**, v. 76, p. 142-156, 2006. Disponível em: <http://www.newslab.com.br/ed_anteriores/76/art02/art02.pdf>. Acesso em: 26 set. 2012.
- FERREIRA, H. et al. Estudo Epidemiológico Localizado da frequência e fatores de risco para enteroparasitoses e sua correlação com o estado nutricional de crianças em idade pré-escolar. **Rev. Ci. Biol. Saúde**, v. 12, n. 4, p. 33-40, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/biologica/article/view/442>>. Acesso em: 12 set. 2012.
- FISCHER, C. D. B. Prevalência de helmintos em *Canis familiaris* (Linnaeus, 1758) no Hospital de Clínicas Veterinárias do Rio Grande do Sul através de diagnóstico post-mortem. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 31, n. 1, p. 63-64, 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acta-vet/31-1/resumo3.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2012.
- LUDWIG, K. M. et al. Correlação entre condições de saneamento básico e parasitoses intestinais na população de Assis, Estado de São Paulo. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, v. 32, n. 5, p. 547-545, set./out. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbmt/v32n5/0844.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2009.
- MATTOS, R.O.G. et al. Relation of oral yeast infection in Brazilian infants and use of a pacifier. **Rev. ASDC J Dent Child.**, v. 68, n. 1, p. 33-36, 2001. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11324404>>. Acesso em: 04 nov. 2012.
- NEVES, D. P. **Parasitologia humana**. 11. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2005. 494p.

PEDROSO, R.; SIQUEIRA, R. Pesquisa de cistos de protozoários, larvas e ovos de helmintos em chupetas. **Rev. Jornal de Pediatria**, v. 73, n. 1, p. 21-25, 1997. Disponível em: <<http://www.jpmed.com.br/conteudo/97-73-01-21/port.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2012.

PRADO, M. S. et al. Prevalência e intensidade da infecção por parasitas intestinais em crianças na idade escolar na Cidade de Salvador (Bahia, Brasil). **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, v. 34, n. 1, p. 99-101, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbmt/v34n1/4326.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2012.

QUADROS, R. M. et al. Parasitoses intestinais em centros de educação infantil municipal de Lages, SC, Brasil. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, v. 37, n. 5, p. 422-423, set./out. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbmt/v37n5/21345.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2012.

SANTARÉM, V. A. et al. Contaminação por ovos de *Toxocara spp.* em praças públicas das regiões central e periurbana de mirante de Paranapanema, São Paulo, Brasil. **Vet e Zootec Saúde**, v. 17, n. 1 p. 47-53, 2010. Disponível em: <<http://www.fmvz.unesp.br/rvz/index.php/rvz/article/view/280>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

SILVA, S. R. E. P. et al. Análise quantitativa de micro-organismos encontrados em chupetas. **Con. Scientiae Saúde**, v. 8, n. 1, p. 57-64, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.uninove.br>>. Acesso em: 12 maio 2012.

TAKACHI, M. MÓDENA, J. L. P. Assepsia e Antissepsia: técnicas de esterilização. **Simpósio: fundamentos em clínica cirúrgica**, v. 41, n. 3, p. 50-59, fev. 2008. Disponível em: <http://www.fmrp.usp.br/revista/2008/VOL41N3/SIMP_3Assepsia_e_antissepsia.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2012.

TOMASI, E. et al. Padrões e determinantes do uso de chupeta em crianças. **Jornal de Pediatria**, v. 70, n. 3 p. 167-171, 1995. Disponível em: <<http://www.jpmed.com.br/conteudo/94-70-03-167/port.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012

_____. Uso de chupetas em crianças: padrões de uso, contaminação e associação com diarreia. **Rev. Saúde Pública**, v. 28, n. 5 p. 373-379, jan. 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v28n5/10.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

TOSCANI, N. V. et al. Desenvolvimento e análise de jogo educativo para crianças visando à prevenção de doenças parasitológicas. **Interface Botucatu**, v. 11, n. 22 p. 281-294, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832007000200008&script=sci_arttext>. Acesso em: 21 nov. 2012.